

# **Um Jantar Para Cthulhu**

**Guia de Magia do Caos e de  
Culinária Espiritual**

**Wanju Duli**

**2017**

Imagem de Capa: Wanju Duli

Design de Capa: Luigi Ligocky

# Sumário

Introdução \_\_\_\_\_ 5

## PARTE 1

Capítulo 1: Cthulhu versus Javé \_\_\_\_\_ 19  
Capítulo 2: Magia com os Grandes Antigos \_\_\_\_\_ 31  
Capítulo 3: Sigilos, Servidores, Formas de Deus e a  
Sobremesa \_\_\_\_\_ 40  
Capítulo 4: Gnose e Tecnomagia \_\_\_\_\_ 49  
Capítulo 5: Seja o jantar de Cthulhu: como cozinhar a  
si mesmo \_\_\_\_\_ 54

## PARTE 2

Capítulo 1: Meu nome é Jsé sem “o” \_\_\_\_\_ 59  
Capítulo 2: Meu nome é Mria sem “a” \_\_\_\_\_ 63  
Capítulo 3: Meu nome é Jão sem “o” \_\_\_\_\_ 65  
Capítulo 4: Eu não tenho nome \_\_\_\_\_ 67  
  
Epílogo \_\_\_\_\_ 70



## Introdução

Lendo o novo livro de Ramsey Dukes, “My Years of Magical Thinking”, tive vontade de escrever meus pensamentos atuais sobre magia do caos.

Embora eu tenha começado a me envolver com ocultismo no início da adolescência, foi só aos meus 19 anos que tive um contato mais profundo com a magia do caos. Acredito que naquele ponto eu possuía uma base razoavelmente boa em magia tradicional e similares para começar a desconstruir tudo o que eu havia aprendido.

Foi uma época de questionamentos. Você aprende que não pode soprar uma vela, mas deve apagá-la com os dedos. Não deve pisar fora do círculo mágico, a não ser que abra um portal. De repente os caoístas nem usam mais velas e círculos, mas lâmpadas e lanternas, e lançam seus sigilos e servidores em qualquer lugar que lhes aprouver.

Era um momento de revelação. É como se você acreditasse na Fada do Dente e no Papai Noel desde a infância e no final da adolescência obtivesse a seguinte revelação: “Não existem apenas o Papai Noel e a Fada do Dente, mas também um polvo verde gigante que quer te devorar e milhões de espíritos e entidades prontos para te salvar e te matar a qualquer minuto!”

Então você grita: “Que maravilha! Eu vivo num universo muito mais emocionante do que os contos de fadas! Irmãos Grimm, vocês basearam suas histórias em lendas reais”.

## Wanju Duli

Antes eu via a magia operando num universo fechado com regras mais ou menos fixas. Tudo que me restava era contatar os poderosos deuses antigos, pois no mundo cético e científico em que vivíamos não nasciam novos deuses.

Eu estava muito enganada. Boa parte daquilo que chamamos de ocultismo estuda a magia do passado. E é realmente importante e empolgante estudar a história das crenças das mais variadas épocas e povos. Mas não significa que essa história terminou e tudo que nos resta hoje é relembrar com saudades uma época belíssima na qual a magia era viva.

De certa forma, podemos suspeitar que, após o Renascimento, a humanidade foi se reduzindo gradativamente a um positivismo insosso e que aquilo que chamávamos “ciência” foi meramente a nova autoridade que substituía o Deus do cristianismo.

Hoje em dia, muitas pessoas que se consideram instruídas se orgulham por terem largado e superado a velha mitologia chamada “Deus cristão”. Em vez dela, colocaram em seu lugar um novo príncipe: a ciência, cujos sacerdotes são os cientistas e o que eles dizem deve ser considerado a verdade inquestionável.

Fico imaginando que daqui alguns séculos a humanidade vai olhar para nossa época com o mesmo desprezo com que olhamos agora os cristãos na Idade Média. Eles irão zombar daquilo que chamamos “método científico” da mesma forma que zombamos da teologia.

Peter J. Carroll, que se formou em física, percebeu que vivia num universo muito mais estranho do que imaginava a princípio. Quando pensamos na ciência,

## Um Jantar Para Cthulhu

supomos que ao seguir métodos determinados podemos pouco a pouco descobrir todas as regras do mundo em que vivemos, mas a situação não é assim tão simples.

O nosso mundo se comporta de forma bizarra. O nosso método científico tampouco foi construído de forma perfeita para ser capaz de captar tudo que existe como numa fotografia. Carroll pegou emprestado de Thomas Kuhn o termo “paradigmas” para ilustrar isso bem.

No livro “A Estrutura das Revoluções Científicas” Kuhn usa esse termo para demonstrar que uma teoria científica não é necessariamente melhor que outra, mas apenas mais um paradigma. Nós temos a ilusão de que uma teoria científica atual é melhor do que uma antiga, mas ela é apenas mais aceita na nossa época porque usa uma linguagem que condiz com coisas que acreditamos.

Nós até hoje acreditamos em fantasmas, mas apenas em fantasmas diferentes de nossos antepassados. Teorias contendo termos como “Deus”, “alma” e “miasma” eram comuns há não muito tempo. Pode ser que no futuro termos como “evolução” e “dualidade onda-partícula” sejam considerados nada mais que as velhas superstições do passado.

Por algum motivo, a época atual é mais aristotélica do que platônica, embora a sombra do platonismo ainda esteja forte. Nós acreditamos mais no empirismo do que no racionalismo. Caso uma teoria científica seja provada na prática, significa que ela é real, certo? Mas por que ela é real? Ela não apenas funciona? Ou parece funcionar.

Será que vivemos mesmo num universo em que tudo se encaixa, regido por regras e leis que podem ser desvendadas? Ou o universo é realmente caótico e temos apenas a ilusão de enxergar padrões onde eles não existem?

Já experimentamos isso incontáveis vezes. Milhares de teorias belíssimas e inteligentes já foram montadas e tudo parecia se encaixar nelas de forma perfeita (ou fazíamos tudo se encaixar à força). Tudo estava maravilhoso, com um pequeno detalhe: a teoria estava errada, ou provou-se parcialmente incorreta após alguns anos, décadas ou séculos.

No livro “Filosofia para Leigos” de Martin Cohen temos uma observação muito peculiar:

*"Como Descartes, Platão e muitos cientistas antes e desde então, Leibniz preferia encaixar o universo em sua teoria, a permitir que o universo estragasse suas teorias"*

Vivemos a vida como um jogo de quebra-cabeça e o jogo que os cientistas jogam parece bastante esperto. Eles descobriram algumas coisas que funcionam na prática. No entanto, elas não funcionam todas as vezes e da forma que queremos, e nem sempre pelos motivos que imaginamos.

O desejo de alcançar uma Teoria do Tudo se baseia na crença de um universo com leis regulares e que podem ser descobertas. É curioso que quase toda nossa ciência e até metade da filosofia (a analítica) se baseia na matemática. Mas será que a matemática foi inventada ou descoberta?

Ramsey Dukes, que se formou em matemática, conta como foi divertida sua primeira aula sobre números imaginários e os protestos dos alunos a esse respeito. Afinal, aceitar que “ $i$ ” é igual a raiz quadrada

## Um Jantar Para Cthulhu

de menos um (que seria como aceitar que um número negativo pode ter uma raiz quadrada) não seria muito diferente de acreditar em fadas. Ainda assim, os matemáticos utilizam esse paradigma da mesma forma que usam paradigmas para os outros números. Ian Stewart chega a afirmar que “todos os números são imaginários” e a divisão entre números reais e imaginários seria espúria.

Estamos apenas brincando com palavras. Dizer que “todos os números são reais” ou que “todos os números são imaginários” não é muito diferente, dependendo de onde você quer chegar. Você está apenas trabalhando com modelos para ter resultados práticos. Mas se você acredita que a matemática contém verdades divinas pode fazer como Pitágoras e afogar os alunos que contradizem suas verdades sagradas.

Na época em que vivemos nós tratamos a ciência como se ela realmente fizesse afirmações definitivas sobre a realidade, mas ela apenas trabalha com paradigmas que podem mudar no futuro. Nós tendemos a tratar as chamadas ciências exatas como se elas realmente fossem mais exatas do que outras e afirmassem algo mais objetivo sobre o mundo. No entanto, não é necessariamente assim.

Muitos de nós estamos prontos a aceitar que dizer que Deus é um ou vários dá na mesma, são apenas paradigmas. Portanto, as pessoas que fazem guerras religiosas são idiotas. É isso que podemos pensar.

No entanto, quando diz respeito à política ou à ciência, por exemplo, podemos ser tão intolerantes quanto aqueles que chamamos de “idiotas religiosos”. É possível que no futuro as nossas guerras por

ideologias políticas sejam consideradas tolas. Hoje podemos achar que uma posição política é “a verdade” e todos que discordam de mim devem ser, senão mortos, pelo menos severamente insultados. Não estamos abertos para dialogar.

E o que dizer da ciência? A nutrição, por exemplo, é como um campo de guerra. Vegetarianos, defensores do consumo de gordura e do consumo de carboidratos, por exemplo, estão prontos a defender seus ideais e a condenar quem contraria sua ideologia. Como se já soubéssemos tudo que há para saber sobre a atuação da insulina, microorganismos e afins.

Talvez nos falte um pouco da humildade socrática. É o momento em que declaramos: “Nós nos achamos muito sábios, mas no fundo não sabemos porra nenhuma”. Nós temos pistas. Podemos montar jogos criativos com elas e achar que chegamos a algum lugar: não apenas andamos em círculos.

Com isso tudo, não estou dizendo que devemos ser totalmente céticos e parar de jogar. Eu acho que o jogo da vida é interessante. Variados jogos o são: o jogo da matemática, da ciência, da filosofia e da teologia. Nenhum jogo é inerentemente melhor que outro, mas eles podem ser úteis para objetivos diferentes.

Sou da opinião de que devemos continuar a ser jogadores e tentar nos tornar cada vez melhores. No entanto, não devemos perder de vista que “isso é um jogo”.

Se alguma vez você já jogou um ARG (jogo de realidade alternativa) já deve ter ouvido a famosa expressão:

## Um Jantar Para Cthulhu

“Isso não é um jogo”

Pode ser um pouco assustador. Você pensava que estava apenas brincando, fingindo, e quando se dá conta percebe que esse é o mundo real. Esse não é um RPG e não há um Mestre de Jogo no comando. Em vez disso, há um Mestre dos Fantoches atrás da cortina.

Quão fundo você pode penetrar na Toca do Coelho? Bem, você já deve ter conhecido magistas assim. Phil Hine costuma reclamar em seus livros dos magistas que se levam muito a sério. Eles consideram o ritual algo muito sagrado e estão prontos a ralar com qualquer um que dê uma risadinha ou falte com o respeito no momento de receber os espíritos.

E, de fato, você pode respeitar os espíritos, assim como você deve respeitar os seus amigos em vez de jogar uma bola de lama na cara deles, enterrá-los vivos, essas coisas. Seja um bom amigo e não uma toupeira!

Em nossa época tendemos a acreditar que o mundo material é mais real que o mundo dos pensamentos ou dos sonhos, dentre outros mundos possíveis. Por isso os feitiços mais populares hoje são aqueles que afetam o mundo material e não a nossa vontade ou visão de mundo.

Por exemplo, preferimos um feitiço que nos faça tirar uma nota alta numa prova em vez de um feitiço que nos estimule a estudar mais. Até mesmo desprezamos um feitiço que nos faça ficar satisfeitos com uma nota “sete” em vez de um “nove”. Quando baixamos as expectativas em relação ao mundo e a nós mesmos isso é visto como derrota, pois acreditamos que devemos ser perfeitos, ricos,

totalmente habilidosos e inteligentes, e todo o universo deverá rodar ao nosso redor. E é para isso que serve a magia: para colocar o mundo (de preferência todos os mundos possíveis) aos nossos pés.

Eu costumo chamar essa abordagem de “paradigma do magista mimado”, que não aceita um “não”. Ele também terá muita dificuldade de aceitar a velhice, a doença e a morte. Em vez disso, desejará ser um alquimista do tipo que ambicionará descobrir a fórmula da imortalidade.

Com isso não quero dizer que a magia não pode ser utilizada para objetivos materiais. De fato, ela pode. Acho que todo magista fará bem se obtiver ao menos um treino mínimo nessa área. Se o curso de magia existisse na faculdade, eu defenderia a existência de uma disciplina chamada “feitiços para alteração do mundo material”. Mas poderia haver apenas uma ou um punhado de disciplinas desse tipo em vez de todo o currículo ser direcionado para isso, como o querem alguns magistas.

Eu acredito que a magia seja muito mais que isso. Podemos trabalhar em outros paradigmas. Um magista não é necessariamente mais poderoso que outro se é capaz de dobrar todas as dimensões para atender suas vontades. Ele é simplesmente muito habilidoso numa área específica, pois decidiu se focar mais nela.

Que o magista que é bom em A não diminua o valor da área B. E que o magista que é bom em B não diminua o valor da área A. Todas são importantes, mas na vida não podemos ser bons em

## Um Jantar Para Cthulhu

tudo ou saber tudo. É preciso fazer opções e essa deve ser uma escolha totalmente pessoal.

O que quero dizer é que os magistas de hoje supervalorizam a ciência. Basta colocar termos científicos no meio de livros de magia e eles são levados muito mais a sério. Coloque um monte de fórmulas de matemática e física, e pronto! Você ganhou os seus leitores.

Mas essa não é uma técnica um pouco desonesta? Você está se aproveitando da fé dos seus leitores na ciência para que acreditem em tudo que você diz, exatamente da mesma forma que apontar uma autoridade bíblica para seus escritos funcionava muito bem no passado para prender a atenção de quem quer que fosse.

Honestamente, eu não acredito, de forma alguma, que hoje nós somos mais inteligentes ou que tenhamos menos fé em autoridades do que na Idade Média. Nós apenas mudamos a linguagem usada, que se adequa melhor aos novos deuses.

Quem não acredita em religião e magia pode desprezar áreas como astrologia, tarot e cabala, mas acreditar fortemente na ciência como “verdade”. Eles dizem: “Eu não acho que a ciência seja ‘A Verdade’, pois eu sei que as teorias mudam”. Essas são belas palavras, mas na prática cada vez que uma nova teoria é aceita pela comunidade científica (após vasta análise dos arcebispos dos Estados Unidos e da Europa e após receber a bênção do papa de Harvard e Cambridge), existe um grande furor no mundo todo e aceitação geral, sem questionamentos.

Os poucos cientistas que questionam o papa logo não recebem mais financiamento para suas pesquisas

científicas, as revistas mais conceituadas não aceitam publicar os seus artigos e eles são excomungados do mundo da ciência como hereges, renegados a uma vida de obscuridade.

Diante de tudo isso, não é surpresa que os magistas de hoje tratem a magia da mesma forma que o fazem com a mais badalada teoria científica da atualidade: eles não a enxergam como mais um paradigma dentre outros, mas como a verdade.

É claro que as regras existentes na astrologia e na cabala, por exemplo, funcionam, contanto que sejam utilizadas dentro de seu respectivo jogo paradigmático.

Na matemática existe a expressão “jogo axiomático” para designar essa realidade. Um mais um é igual a dois trata-se de uma verdade universal? Somente no jogo axiomático que todos concordaram em jogar, que pode ir além de meras questões de linguagem. Se você quiser jogar um jogo diferente pode ter outros resultados e as regras também mudam.

Meu objetivo não é desprezar a matemática, a ciência ou a magia tradicional. No entanto, eu não acredito que o conhecimento se construa com a substituição de um paradigma por outro (um sendo considerado o “certo” e o outro o “errado”) mas através da coexistência e comparação de diferentes paradigmas, um se nutrindo do outro, como ocorre mais frequentemente em áreas como a filosofia e a arte.

Não estou sugerindo que a humanidade não está progredindo com as novas descobertas, mas meramente aponto que nosso progresso não ocorre

## Um Jantar Para Cthulhu

de forma linear ou como uma escada. Há subidas e descidas, espirais, várias linhas que se cruzam. Nesse sentido, acho que a ciência pode aprender bastante com a arte.

Minha intenção não é tampouco afirmar que a abordagem da magia do caos é melhor do que qualquer outra. Você pode ser muito feliz sem praticar magia. E, caso pratique, pode optar apenas pelas áreas mais tradicionais do ocultismo. Não há problema algum nisso. Elas também permitem muita criatividade.

Porém, eu vejo certo charme na magia do caos. Ela captou bem o espírito do final do século XX. Após as duas grandes guerras houve um desencantamento com a ciência e um desejo de recuperar valores perdidos. A religião e a magia não morreram. Elas apenas renasceram sob novas formas.

O ser humano é fantástico. Pode se portar como um camaleão ou mesmo como uma borboleta. Nos próximos capítulos comentarei um pouco a respeito de como a magia do caos tem uma abordagem totalmente própria em todos os sentidos: pragmático, filosófico, histórico, artístico. Mas mais do que comentar irei demonstrar.

A mitologia de Lovecraft é uma das que ilustra bem isso: como os antigos, continuamos a nos maravilhar diante da beleza do mundo e dos deuses. Mas isso não significa que iremos perder nosso senso de humor.



# PARTE 1



## Capítulo 1: Cthulhu versus Javé

Uma das primeiras coisas que percebi no meio ocultista foi um ódio quase generalizado ao cristianismo. Estranhamente, isso coexistia com um respeito à cabala judaica e um desprezo meio distante ao islamismo.

Sempre tentei entender a origem desse sentimento e não consegui. Os ocultistas não paravam de idolatrar a cabala e de xingar o cristianismo e eu pensava: “mas isso não faz sentido!”. Ao menos que se seja coerente: ou ame os dois ou despreze os dois, não é mesmo?

Nem irei falar muito a fundo sobre o islamismo porque eu imagino que os ocultistas brasileiros só irão se envolver mais profundamente com a questão islâmica daqui algumas décadas, quando porventura aumentar a imigração africana para o Brasil. Por enquanto, a maior parte dos brasileiros desconhece o islamismo e só possui uma vaga noção da sua associação com o terrorismo que a mídia apresenta.

Para que possamos ir além desses estereótipos, alguns ocultistas brasileiros já apresentam interesse pelo sufismo, o que considero uma aproximação muito positiva dessa bela religião, através de sua vertente mística.

E foi através de suas partes mais místicas que os ocultistas descobriram a riqueza do judaísmo. Quem entende de cabala (seja cabala hermética, judaica ou qualquer outra) é respeitado no meio do ocultismo,

nem que seja pela sua habilidade de ter decorado os nomes das sephiroth e saber falar difícil.

Brincadeiras à parte, eu considero o estudo da cabala como algo bastante positivo, principalmente porque isso gera uma valorização indireta da sabedoria existente nas religiões judaico-cristãs, que quem não estuda a fundo pode considerar como algo superficial.

Eu entendo o que as pessoas não gostam nessas religiões: principalmente o fato de cada uma delas clamar ser “a verdade”, embora hinduísmo, budismo e muitas outras também clamem algo parecido. E, como eu já apontei antes, hoje a ciência possui um status velado de verdade.

Nós raramente ouvimos falar de ataques terroristas budistas, mas eles existem em diferentes países asiáticos. Provavelmente a mídia ocidental não tem interesse em falar disso. Tendemos a ver as “mágicas” religiões orientais, como aquelas da Índia e da China, como totalmente pacíficas e tolerantes. É a ilusão ocidental que vê o capitalismo e o cristianismo como “o inimigo” e tudo que é diferente disso pode ser promessa e esperança de salvação. Incluindo a ciência.

Enquanto o estudo da cabala virou moda no ocidente, a sabedoria mística cristã foi deixada meio de lado. Vez ou outra se usa o termo “noite escura da alma” de São João da Cruz, mas creio que não se vá muito além disso.

Tanto no catolicismo quanto no cristianismo ortodoxo existe uma riquíssima tradição mística e muitos livros escritos por sábios eremitas desde os primórdios do cristianismo. No cristianismo

## Um Jantar Para Cthulhu

ortodoxo há os “starets”, ascetas cristãos que podem viver em reclusão (hesicaísmo), principalmente os sábios do Monte Atos, que até hoje vivem em mosteiros ou cavernas.

Infelizmente, nós tendemos a ignorar tudo isso. Hoje quando se fala de cristianismo é apenas mencionada a Inquisição, as Cruzadas e os preconceitos, mas o que existe no meio ocultista hoje é um tipo de preconceito reverso: preconceito contra cristãos, especialmente contra evangélicos.

Talvez alguém possa alegar como legítimo ter preconceito contra quem tem preconceito, mas no fundo todos temos preconceitos de algum tipo e em algum grau. No final, esse raciocínio iria gerar um ódio generalizado e, nas palavras de Thomas Hobbes, uma “guerra de todos contra todos”.

As nossas aulas de história do colégio não costumam contribuir muito para que se tenha uma visão positiva do cristianismo e da Idade Média. O ocultista de hoje costuma acreditar, assim como a maior parte das pessoas, que a Grécia Antiga foi uma época de ouro para a ciência e a filosofia, até que veio a Idade Média com sua estagnação, superstições e cristianismo, vivemos mil anos de atraso, até que chegaram os heróis do Renascimento para salvar a todos da ignorância, com a maravilhosa ciência.

Eu sempre desconfiei dessa versão da história. Esse é apenas um paradigma, o paradigma dos “vencedores” do momento.

Uma das características mais marcantes da magia do caos é, além de criar novos paradigmas, buscar modelos incomuns para se trabalhar com magia. Por cerca de mil anos o cristianismo foi o paradigma em

voga. Naquela época, ser rebelde era revoltar-se contra o cristianismo.

Foi então que eu me dei conta que para ser rebelde no meio ocultista havia um caminho muito simples: tornar-se cristão. Essa não seria a zombaria máxima? Adotar como “verdade” exatamente a religião que a maior parte dos ocultistas desprezava!

Seguindo o caminho do trickster, resolvi entrar na brincadeira. Do dia para a noite, por volta de 2015 ou 2016, tornei-me cristã e anunciei isso ao mundo. Ou melhor, anunciei nos meus blogs, apavorando todos os meus leitores.

Agora eu era “O Inimigo”! Eu era a retrógrada, a preconceituosa, a cabeça fechada! É claro que eu mesma não me via dessa forma. Eu li bastante e tentei defender minhas visões com argumentos coerentes. Surpreendentemente consegui fazer isso. Se Heidegger conseguiu defender o nazismo com sua filosofia, defender o cristianismo tendo como base mais de dois mil anos de poderosa teologia não seria impossível.

Mas eu não gosto de apenas fingir. Eu não queria que aquilo fosse apenas uma brincadeira. Minha intenção não era me tornar cristã “para enganar todo mundo”. Eu jamais faria isso com meus amigos e com as pessoas que leem o que escrevo.

Por isso, minha única saída (porque eu não queria mentir para mim mesma e para os outros) para entender profundamente o paradigma cristão era, com o perdão do termo, “vender minha alma para Deus”.

Muitos satanistas já venderam a alma para o diabo, mas minha situação era quase inédita. Na época que

## Um Jantar Para Cthulhu

realizei a magia de Abramelin na adolescência eu usava um tipo de “oração científica”. Eu rezava para Deus e lia a Bíblia sem precisar me comprometer desnecessariamente com uma desconfortável crença no Deus cristão. Eu via tudo aquilo apenas como pegar emprestado o paradigma cristão temporariamente.

Mesmo nessa época já pude sentir a enorme força desse paradigma. Então dessa vez que eu entraria nele completamente seria ainda mais poderoso.

Foi um pouco assustador, mas também foi uma das aventuras mais extraordinárias da minha vida. Eu falo um pouco disso no meu livro “Visitando Bruno”. Também escrevi uma história nessa época chamada “Mártires Vermelhos” e eu a escrevi enquanto eu acreditava totalmente no cristianismo. Por isso, é uma história bastante sincera e as cenas fortes refletem o que eu estava sentindo naquele momento.

É impossível viver fora de um paradigma. Você sempre vai acreditar em alguma coisa, nem que seja no mínimo suficiente para te manter vivo. Você vai ter que acreditar no paradigma de que você precisa respirar, comer, beber e dormir. Poderá até questioná-lo filosoficamente, mas terá que acreditar minimamente na sua eficácia e isso poderá te inclinar a acreditar na verdade dele.

Além da crença ou descrença em Deus isoladamente, talvez eu acredite que Deus pode “ou existir ou não existir” (agnosticismo). Posso também acreditar que ele existe e não existe ao mesmo tempo, enquanto Aristóteles se revira na cova. Ou eu acredito na magia do caos, na qual “tudo são

paradigmas”. Até a própria magia do caos é um tipo de crença que deve ser questionada.

Tudo bem, os caoístas dizem que o caoísmo é um metaparadigma, mas eles apenas querem soar legais. Alguns deles têm dificuldade de acreditar que são apenas como qualquer mortal comum. Os ocultistas em geral padecem desse mal.

Eu honestamente me senti muito melhor quando passei a acreditar que eu era como qualquer outra pessoa. Eu inclusive me senti mais conectada às pessoas ao fazer parte da maior religião do mundo. Principalmente, eu me conectei a muitas pessoas mortas sem nem precisar recorrer à necromancia.

Para tentar entender alguém diferente de nós, vale a pena tentar entrar na pele dessa pessoa. Como eu gosto de escrever histórias, esse é um exercício que faço com frequência.

Minha intenção não era ser cristã por um ou dois anos. Eu apenas queria ler alguns livros e fazer um retiro, mas o retiro teve que ser adiado por incontáveis razões. Enquanto aguardava e escrevia alguns livros de magia do caos, acabei lendo sobre cristianismo mais do que eu pretendia, me empolgando demais e a coisa toda saiu do meu controle.

Mas por isso foi mais divertido ainda! Por que precisamos ter o controle? O budismo e suas meditações me ensinaram isso: apenas observe sua respiração, sem tentar se apegar ao prazer ou fugir da dor. Não tente controlar as coisas.

Acho que a magia possui muito dessa questão do controle. Mas existem modalidades mágicas (inspiradas pela religião) que, em vez de te incentivar

## Um Jantar Para Cthulhu

a virar o mundo de cabeça para baixa e pintá-lo com suas cores, seguem um tipo de wu wei taoísta: harmonizar-se com a natureza e assim se reconectar à sua natureza perdida.

O ponto é que não existe apenas uma forma de fazer magia. E principalmente não há uma maneira correta que funciona para todos. É isso o que a magia do caos ensina.

Na minha época de cristianismo eu estava, de certa forma, sendo uma caoísta bem estranha realizando um experimento inusitado que quebrou a fronteira do experimento.

“E daí? Carpe diem!”

Talvez algo assim tenha se passado pela minha mente, embora o objetivo do cristianismo fosse o exato oposto: sim, aproveite o dia, mas honre a Deus em primeiro lugar! Somente assim haverá uma liberdade e felicidade verdadeiras, etc.

Na verdade, o paradigma cristão faz muito sentido. Se não fizesse, não teria feito tanto sucesso por mais de mil anos. Não faria sucesso até hoje.

Provavelmente temos a tendência de pensar que a maior parte das pessoas são burras, então elas seguem o cristianismo apenas porque são supersticiosas. Da mesma forma que hoje muitos acham que quem acredita em magia deve ter alguns miolos a menos, por ter trocado o Deus Ciência por algo tão deselegante para a moral e os bons costumes das damas e dos cavalheiros contemporâneos.

Eu percebo que muitos têm dificuldade de compreender o paradigma dos Grandes Antigos de H.P. Lovecraft por motivos similares de não

compreenderem o cristianismo: para eles, é história da carochinha. É menos que mitologia, é ficção.

Uma vez Peter Carroll disse que quando está entre ocultistas ele se deleita em zombar da astrologia, apenas para irritá-los. Por outro lado, quando está entre cientistas ou amigos que não acreditam em magia, ele se alegra em defender a astrologia, certamente para ser do contra e testar defender um paradigma num meio em que ele é impopular.

Às vezes eu sinto que ajo de forma semelhante e não sou a única. É como ser o advogado do diabo. Está bem claro que a maior parte do encanto do satanismo é se rebelar contra o cristianismo vigente. Mas como por muitos anos convivi num meio no qual o Caminho da Mão Direita (e seus defensores, como Eliphaz Levi) se tornava cada vez menos popular e o Caminho da Mão Esquerda parecia algo mais cool para desafiar a autoridade, senti que a forma mais poderosa de ser rebelde era realmente me tornar cristã ou muçulmana.

Foi mais fácil tornar-me cristã, com tantos livros de cristianismo e igrejas disponíveis na minha cidade. Eu pretendia me tornar muçulmana esse ano e cheguei a ler uns dez livros sobre islamismo, só que a logística da coisa era mais complicada em muitos sentidos.

Não quero soar leviana e desrespeitar essas religiões sugerindo que eu apenas queria me tornar isso ou aquilo como um mero teste. Afinal, quando sigo algo a fundo eu costumo colocar todo o meu coração nisso. Portanto, irei sacrificar algumas boas piadas e não irei comentar sobre todos os aspectos

## Um Jantar Para Cthulhu

que pesquisei que dificultaram minha empreitada de 2017.

Ainda assim, confesso que eu ainda tenho vontade de comprar aquela escova de dentes de Maomé (siwak), pois parece ser realmente um modo mais natural para escovar os dentes.

Eu aprendi coisas bem interessantes com o cristianismo e com o islamismo que vale a pena apontar. É bom lembrar que cada paradigma tem suas vantagens e desvantagens. Você e eu já estamos cansados de escutar as desvantagens das religiões abraâmicas, então para não ser repetitiva falarei de algumas vantagens.

Embora você só ouça falar da Inquisição e das Cruzadas, enquanto isso estava acontecendo sempre houve os padres, monges ou mesmo leigos cristãos que defendiam ideais pacifistas. Você ouve falar de jesuítas que destruíram a cultura dos índios, mas houve centenas de jesuítas que defenderam a população indígena dos conquistadores europeus que tentavam escravizá-los. Muitos deles também escreveram gramáticas em tupi, eram interessados pela cultura indígena, davam medicamentos aos índios e fundavam escolas para meninos e meninas.

Na verdade é difícil pensar em como seria o Brasil sem os jesuítas, já que boa parte dos nossos hospitais, colégios e universidades tiveram origem cristã. Aliás, voltando ao ideal pacifista, eu notei que um completo pacifismo costuma estar fortemente ligado a ideais religiosos, por um simples motivo: quando se acredita na vida em outro mundo, não se teme morrer nesse. Quando você acredita que só há essa vida, pode

acabar tendo que se defender para proteger as pessoas que você ama.

Por isso pessoas como Martin Luther King Jr. (pastor batista), Gandhi (hindu) e Tolstói (cristão) defenderam e viveram o pacifismo.

Com isso não estou afirmando que não é possível defender um total pacifismo baseando-se em causas não religiosas. Eu apenas notei que o paradigma religioso tende fortemente a isso, apesar de as pessoas costumarem apenas citar as guerras que as religiões causam. Obviamente, também há guerras por motivos não religiosos.

No caso do islamismo, essa religião tem fortes tendências políticas. Maomé focou-se muito na questão dos direitos das mulheres e dos pobres. O que vemos hoje em muitos países muçulmanos é uma mistura entre religião e política, que é uma questão mais complexa do que podemos pensar analisando superficialmente.

Existem muitas mulheres muçulmanas ativas politicamente, lutando por direitos e liberdade. Como disse o autor Reza Aslan no livro: “No god, but God: The Origins, Evolution and Future of Islam”, os países islâmicos já geraram mais mulheres presidentes e primeiras-ministras do que em toda a Europa e América do Norte.

E qual é a relevância de falar sobre cristianismo e islamismo num livro de magia do caos? A mesma relevância de falar sobre xamanismo, deuses gregos, física ou qualquer outro paradigma que os autores caoístas geralmente costumam abordar.

Caso você considere um paradigma melhor que outro, pergunte a si mesmo: “por que eu penso

## Um Jantar Para Cthulhu

assim?” Você acha mesmo que A é melhor que B ou isso ocorre dessa forma apenas para você?

Se você realmente acha que um modelo funciona melhor que outro não apenas para você, mas de forma absoluta, pergunte a si mesmo se os seus pré-conceitos possuem alguma influência nesse seu modo de ver as coisas.

Com isso o que se defende aqui não é um completo relativismo, pois isso é algo que não concordo. O que eu defendo é que se valorize cada teoria no interior do paradigma no qual foi criada. Quando você tenta entender a teoria cristã num paradigma materialista e secularista do século XXI, é difícil enxergar algo de valor e fazê-lo funcionar. Já quando você tenta adentrar no paradigma da Idade Média, tentando ler autores cristãos bons como Christopher Dawson, G.K. Chesterton e C.S. Lewis, poderá se beneficiar de muitas das vantagens que esse sistema proporciona.

Antes usar o paradigma cristão era o óbvio. Hoje que ele está cada vez mais desvalorizado no meio ocultista, resgatá-lo pode ser uma escolha original.

Eu provavelmente gosto de usar o paradigma cristão de vez em quando porque raramente um ocultista o leva a sério ou só o cita para mostrar um exemplo de intolerância (sem notar que ele mesmo está sendo intolerante com esse exemplo). Pelo mesmo motivo, eu gosto do paradigma dos Grandes Antigos de Lovecraft: porque poucos o levam a sério. Sendo assim, invocar Cthulhu seriamente pode ser uma das experiências mais transformadoras de sua vida: exatamente porque é difícil de fazer. Assim como acreditar no Deus cristão no século XXI é um

## Wanju Duli

dos empreendimentos mais complexos para o ser humano.

## Capítulo 2: Magia com os Grandes Antigos

No livro “Epoch” Peter Carroll nos diz que a magia com os Grandes Antigos de Lovecraft seria o procedimento mágico mais avançado do sistema proposto por ele. Agora já sabemos o motivo.

Não é necessariamente fácil invocar ou evocar um deus de um panteão grego ou egípcio. No entanto, existe uma egrégora forte para apoiar a existência desse deus e fica mais difícil duvidar que ele exista. Você sabe que houve épocas em que as pessoas o invocavam realmente a sério e conseguiam fazer isso. Sendo assim, você também pode conseguir, certo?

Trabalhar com servidores pode ser um pouco difícil no começo, principalmente porque você pode duvidar que eles existem. Às vezes você acredita que seu amigo criou um servidor, mas duvida da sua capacidade para fazê-lo: “Será que eu sou capaz? E se eu achar que criei um servidor, mas na verdade eu estou falando com um ser imaginário?”

Num capítulo mais a frente darei mais detalhes sobre a criação de servidores. Por enquanto, voltemos aos Grandes Antigos.

Lovecraft provavelmente não tinha a intenção de usar seus personagens para fazer magia, ou não imaginava que outros iriam usá-los. É bastante provável que ele não os tenha criado ou carregado magicamente com essa intenção. Eles são, basicamente, personagens como quaisquer outros.

Quando escrevi “Salve o Senhor no Caos” eu elaborei toda a história e criei os servidores com a intenção de que eu e outras pessoas poderíamos usá-los. Sendo assim, foi uma situação um pouco diferente. Já usei meus servidores com sucesso e soube de outras pessoas que os usaram e obtiveram bons resultados.

Mas o que fazer se você deseja invocar um personagem de videogame? Uma opção é perguntar para Taylor Ellwood como se faz isso, já que ele é especialista em pop magic. Outra opção é você, com a cara e a coragem, realizar seus próprios experimentos e anotar seus resultados.

Invocar personagens de livros, jogos ou filmes é difícil até certo ponto. Quanto mais desconhecida for a obra, mais difícil. Afinal, personagens famosos já foram carregados com a energia de todos aqueles que consumiram as obras.

Nesse sentido, evocar os Grandes Antigos de Lovecraft possui essa facilidade: eles são enormemente aclamados por diferentes gerações. Possuem muitos fãs.

Mas eles também apresentam grandes dificuldades. Enquanto muitos deuses, anjos ou até mesmo demônios possuem algum interesse pelos seres humanos, por diferentes razões, os Grandes Antigos não estão nem aí para a humanidade. Pelo contrário: os humanos são comida para eles.

E agora? Como chamar a atenção dos deuses de Lovecraft? Você precisa ser criativo e aí reside um dos grandes encantos dessa magia.

Você deve se tornar interessante o suficiente para atrair um dos Grandes Antigos. Carroll em “Epoch”

## Um Jantar Para Cthulhu

propõe uma ordem de invocação, símbolos de poder e dá algumas dicas. Porém, de forma geral, trata-se de uma experiência muito pessoal e as pessoas obtêm resultados diferentes.

Confesso que eu ainda não trabalhei realmente a fundo com esse tipo de magia, mas já comecei a realizar trabalhos com os Grandes Antigos alguns anos atrás. Eu diria que eles possuem uma energia imensamente poderosa e exótica.

Eu certamente fui influenciada pelo estilo dos desenhos de Matt Kaybryn. Tentei até fazer a minha versão de alguns deles, o que foi um experimento bem empolgante.

Os Grandes Antigos são basicamente deuses alienígenas de um livro de literatura que não dão a mínima para os humanos. Como trabalhar com um paradigma assim?

Em primeiro lugar, sugiro ler as obras de Lovecraft. Pelo menos um dos livros curtos dele, para entrar no clima. Ele escreveu muitos contos.

Como eles são deuses, são imensamente poderosos. Por isso, tenha respeito por esse poder. Pode ser aquele mesmo respeito e deslumbramento que temos em relação à natureza: um belo mistério.

O fato de eles serem alienígenas me soa exótico. É exatamente esse aspecto exótico que pode levar ao fascínio e ser o seu gatilho e diferencial para explorar tal paradigma.

Outro encanto desse sistema é que são deuses de uma obra literária escrita com a intenção de não ser mágica. Isso significa que o aspecto mágico deverá ser extraído de alguma fonte externa.

E, finalmente, nós somos comida para os Grandes Antigos! Isso não te enche de alegria? É maravilhoso!

Você é a presa e está brincando com fogo. Isso tudo me faz lembrar de um filme recente sobre alienígenas chamado “A Chegada”. Os alienígenas desse filme se parecem um pouco com Grandes Antigos, então talvez você possa se basear nele como uma das fontes de inspiração para seu “contato e conversação”.

Eu diria que a estranheza é realmente o elemento chave a ser utilizado para esse tipo de invocação. É quase como lidar com a sensação de um déjà-vu: é desconfortável, mas também é divertido.

O medo, comum a diferentes invocações, também pode ser utilizado como gatilho. É a combinação desses diferentes elementos que evoca a força: medo, estranheza, desconforto, emoção, etc.

Sou da opinião de que o medo deve estar presente nas invocações, pelo menos nas primeiras. Na verdade, o mesmo pode ser dito para as primeiras experiências de meditação, divinação ou qualquer outra operação mágica, como feitiços.

O ritual ajuda muito em criar essa atmosfera de medo. Você tem a sensação de que está sendo parte de algo muito importante. E está mesmo.

Eu costumo adotar o modelo dos espíritos em vez do modelo psicológico: eu realmente acredito que as entidades espirituais são reais e existem fora da minha mente. Bem, é óbvio que os Grandes Antigos existem fora da minha mente. Eles não foram criados por mim e já foram alimentados por várias pessoas. Não é uma invenção minha.

## Um Jantar Para Cthulhu

Tenho a noção de que o modelo dos espíritos é algo que resolvi adotar e não a verdade. Porém, ele tem funcionado tão bem ao longo desses últimos dezessete anos que eu não considero mais vantajoso para mim vê-lo apenas como modelo.

Vou tentar explicar melhor. A crença de que todas as coisas são modelos e não a verdade é apenas um paradigma. E o “paradigma dos paradigmas” também pode ser abandonado quando for conveniente.

A vantagem de adotar esse paradigma é poder se mover com mais facilidade de um paradigma para outro. Porém, como o paradigma dos espíritos funciona bem e não há necessidade (pelo menos não até agora) de abandoná-lo, terá um efeito prático muito mais vantajoso que eu não mais o veja como um mero paradigma.

Eu tento manter a seguinte crença: quando falo dele de forma teórica, ele pode ser visto como apenas um paradigma, com o intuito de respeitar a possibilidade de outras abordagens por parte das pessoas. Afinal, o que funciona bem para mim pode não funcionar bem para outros.

Porém, quando estou somente comigo mesma e o uso, ele não é mais um paradigma. Será que eu me fiz entender? Somente assim posso explorá-lo em todo seu potencial.

Se eu estou doente ou corro perigo de morrer e quiser usar o paradigma do Deus cristão e rezar para ele, não é vantajoso para mim ver esse Deus como apenas um paradigma e sim como a verdade.

Por isso, pessoas que acreditam numa religião como “verdade” não devem ser condenadas. Até porque, todos nós temos nossas verdades: que o

amor é o mais importante, que as mulheres ou os homossexuais merecem ter direitos, etc. Acho que cada pessoa tem suas verdades que não aceita negociar e nem por isso quer ser chamado de intolerante.

As pessoas podem conversar sobre isso, trocar ideias, escutar a opinião do outro. Isso é importante. Mas cada um possui seus paradigmas. Alguns mudam de tempos em tempos, conforme experiências de vida e maturidade.

Existem muitos ateus que se orgulham de jamais rezar para o Deus cristão, mesmo que estejam passando por situações extremas. Da mesma forma, podem existir orientais que se orgulham de jamais apelar para Buda em nenhuma circunstância.

Para o magista do caos, isso pode ser difícil de entender. Ele pode sentir mais orgulho de usar um paradigma em vez de outro, mas por definição todos os paradigmas deviam ser vistos como iguais, um não sendo melhor que o outro. Eles apenas possuem vantagens e desvantagens diferentes e devem ser usados conforme sejam mais úteis. Para alguém criado num país cristão e para o qual o Deus cristão ainda tenha algum significado, a reza pode ainda ser usada com tanta eficácia quanto um sigilo.

É óbvio que na prática ninguém considera um paradigma no mesmo nível que outro. Eu tenho meus paradigmas favoritos e você tem os seus. Eu atribuo meus valores e preconceitos a cada um deles. Às vezes me orgulho disso. Outras vezes não.

Eu ainda gosto muito de meditação e ela funciona muito bem para mim. Por que vou deixar de lado um paradigma tão útil e divertido por orgulho?

## Um Jantar Para Cthulhu

Mas não vou julgar, já que o orgulho é uma coisa complicada. A propósito, você pode ser comida dos Grandes Antigos e ainda ter seu orgulho.

Você pode tentar o paradigma cristão e clamar, como no Salmo 22:6: “Sou um verme e não um homem!”. Se você for uma mulher, ou um alienígena, ou um besouro, substitua a última parte conforme o caso.

Outra possibilidade é tentar ser atrevido: “Vem aqui, Azathoth, seu deus cego, louco e idiota! Vem me pegar se for capaz!”

Não recomendo a segunda abordagem para recém-chegados. Só para recém-saídos (não, essa não foi muito boa).

Experimente contar uma piada para Cthulhu:

“Quando você destruiu um prédio, adivinha o que ficou embaixo? Um en-thu-lhu!” (uau, essa foi péssima).

Eu sei lá o que você vai dizer pra ele! Melhor ficar quieto e só observar. No começo, analise a situação e monte um plano de batalha. Só depois parta para o ataque.

Obviamente, você não vai tentar atacar um Grande Antigo. Eles são deuses. Antigos. Poderosíssimos! Pelo menos nesse paradigma, eles podem ser a coisa mais antiga que você conhece. Ou a coisa mais antiga que você não conhece. Ainda. E quem conhece não vive para contar.

Outra opção é você mostrar para eles que despreza os demais seres humanos. Algo assim:

“Veja só, Nyarlathotep. Eu nem saio de casa. Só fico aqui trancado no quarto, na internet, jogando videogame, sou o rei do Dota. Eu desprezo os

demais seres humanos, como vocês. Estou aqui apenas matando tempo enquanto não tenho a honra de ser devorado por você”.

Que tal?

Os Grandes Antigos são um misto de polvo, ser humano e dragão. Então você pode, em seu sistema mágico, fazer uma mistura de xamanismo, necromancia e magia draconiana. E também magia divina. Sim, misture tudo e siga o seu coração! Mergulhe na boca de Shub-Niggurath e orgulhe-se disso!!

Anote no seu diário de magia:

“Meu querido diário mágico,

Hoje eu acordei e fui oferecer meu corpo como café da manhã para meu Deus-dragão-polvo-rei, salve, salve! Ele comeu um pedaço do meu braço e satisfez-se com isso. Depois ele fez meu braço crescer de volta e é por isso que estou escrevendo isso agora. De sobremesa ele comeu meu cérebro e ainda não devolveu, como você pode observar pelo conteúdo desses escritos”.

Eu acho particularmente desnecessário que você use magia com sangue com os Grandes Antigos. Por favor, não arranque sangue ou um pedaço seu materialmente. Eu te imploro para que você não faça isso, senão esse livro entrará para o Index dos Livros Proibidos da Associação-de-Pais-Raivosos-com-essas-besteiras-que-meu-filho-anda-lendo-é-só-uma-fase”.

OK, vamos deixar o assunto “Grandes Antigos” no forno por enquanto e falar um pouco sobre sigilos

## Um Jantar Para Cthulhu

e servidores antes que eu me esqueça. Às vezes eu escrevo nos meus livros: “vou falar sobre tal assunto num capítulo mais adiante” e depois eu releio o livro e penso: “Putá merda, esqueci dessa porra!”, então vamos ao que interessa.

## **Capítulo 3: Sigilos, Servidores, Formas de Deus e a Sobremesa**

Meu tipo favorito de sigilo é o pictórico. Como eu gosto de desenhar, é imensamente prazeroso transformar um desenho em linhas simples e ver o que acontece. Como eu me animo bastante com o processo de criação, esse tipo de feitiço é muito efetivo.

Acredito que há uma conexão direta entre o grau de emoção atingido e o funcionamento de uma magia. Um ritual deve ser emocionante, uma meditação deve fazer o coração desacelerar ou acelerar. Alguma coisa deve acontecer. O objetivo de uma magia é te tirar do estado de “normalidade”. Claro que a normalidade também é um estado possível de atuar, mas chegarei nisso depois.

Eu diria que um sigilo pictórico tem grande potencial para se tornar um servidor posteriormente. Afinal, você já o imaginou com uma forma desde o começo. Talvez até com uma personalidade.

Eu aprecio explorar o potencial criativo contido nos servidores. É um momento de diversão. Para mim, a jornada costuma ser mais importante do que o prêmio. Por isso, eu defendo que o processo ritualístico, o tempo que você gasta preparando uma magia, deve ser maravilhoso.

## Um Jantar Para Cthulhu

Criar um servidor, por exemplo, é como iniciar uma sessão de desenho e um diário. Posso separar um caderninho para detalhar o que minha criatura espiritual gosta de comer e o que ela não gosta, seus poderes e fraquezas, seus acessórios de poder (quase como uma ficha de RPG), etc.

O alimento costuma ser uma questão central de debate. Muitos optam por programar o servidor para que ele se alimente sozinho. De fato, isso pode ser feito, mas também vai diminuir seu tempo sozinho com o servidor. Quanto mais vocês estabelecem uma relação, mais energia sua ele terá.

Outro tópico quente é a reprodução. Assim como você pode programar seu servidor para se alimentar, também pode programá-lo para gerar descendentes. Você que sabe: ele pode ser capaz de se duplicar sozinho de tempos em tempos ou pode precisar de outro servidor para ter filhos.

Experimente montar uma família feliz e acompanhar as próximas gerações. Você poderá anotar as diferenças de poder entre pais, filhos e netos.

Será que um sigilo pode se transformar num servidor espontaneamente? Eu diria que sim, mas sugiro que você participe ativamente desse processo antes de perder o fio da meada. Daqui a pouco um sigilo simples pode ter se transformado num Deus e você está totalmente por fora. Quando dá por si, você já estará adorando seu sigilo de tirar chiclete do sapato.

Qual é a vantagem para nós que um servidor se torne uma forma de Deus? Sem dúvida é um experimento emocionante. Você pode criar

## Wanju Duli

servidores que adorem um outro servidor que virou Deus. Assim você mesmo não precisa adorá-lo, a não ser que queira.

Voltando à questão da alimentação, normalmente temos que dar comida a um servidor com certa regularidade, seja uma vez por semana ou uma vez por dia. Pensei que, caso surja uma ocasião especial em que o servidor pode atuar com maior poder, podemos oferecer algum lanchinho ou sobremesa fora do horário.

Caso o seu servidor fique gordo por causa disso, darei uma receita de sobremesa leve para sua entidade. Como eu disse que nesse livro também há culinária espiritual, é preciso haver ao menos uma receita. Aqui vai!

Receita de lanchinho emagrecedor para servidores

Ingredientes:

Areia  
Óleo  
Pedras  
Gramma

Modo de preparo:

Misture tudo e coloque na frente da estátua de argila do seu servidor. Se ele não comer, quebre a tigela na parede e dê um grito. Dessa forma, pode ter certeza de que ele comerá na próxima vez.

## Um Jantar Para Cthulhu

Optei por ingredientes de fácil acesso. Você também pode, a cada uma de suas refeições, ofertar um pedacinho para seu servidor.

Pensei em dar um exemplo de como fazer uma ficha de servidor que se tornará Deus. Pode ser mais ou menos assim:

Nome: Mongo

Cor: marrom

Elemento: terra

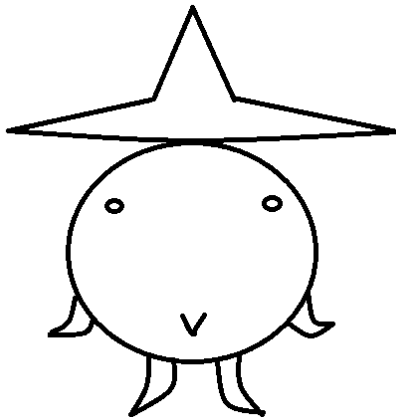
Objeto: colher ou pá

Planeta: Terra

Número: 6

Poliedro: cubo

Fiquei com vontade de desenhá-lo, mas estou com preguiça de pegar um papel, um lápis e depois ter que escanear. Por isso, farei no Paint. Aqui está nosso amigo!



## Wanju Duli

Como podem ver, dei a ele um presente: um chapéu. Ele gosta de comer insetos e quer ser adorado por insetos. Se você quiser adorá-lo, terá que deixar claro que você é um inseto.

Se você nunca tinha visto um Deus antes, esse é um exemplo. Caso eu tenha desapontado suas expectativas, o problema é seu que tem expectativas muito altas.



Esse é o sigilo do Deus. Aposto que você nunca viu um sigilo tão bonito, não é? Nem eu. Levei longas horas para elaborá-lo.

Caso você esteja com dificuldade de reproduzir esse sigilo complexo, aqui está uma alternativa:

## Um Jantar Para Cthulhu



Ah, merda! Não consigo parar de desenhar sigilos!  
Isso é muito viciante!! PRECISO fazer outro!!!



## Wanju Duli

Agora sim ficou perfeito! Tudo certo!

Seja um caoísta e desafie as porras das suas barreiras estéticas! Claro que isso também pode ser uma bela desculpa para desenhar mal, mas nós não damos desculpas. Apenas desculpamos os outros.



Adivinhe o que é isso! Sim, é isso mesmo: uma coxinha de galinha para você alimentar seu servidor.

Caso ele seja vegetariano, alimente-o com isso:

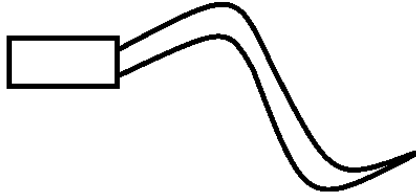


Claro que é uma alface. Até eu fiquei com fome agora.

Se você tiver preguiça de alimentá-lo na vida real, monte um deck de cartas com alimentos diferentes e quando chegar a hora da refeição você simplesmente tira uma carta e coloca na frente do seu servidor.

Se ele reclamar, discipline-o com isso:

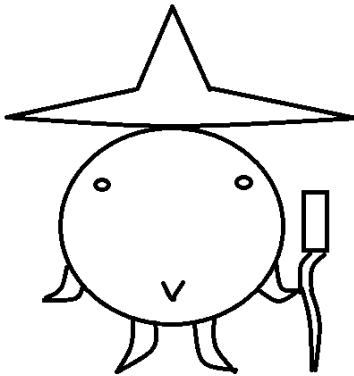
## Um Jantar Para Cthulhu



Exato, é um chicote!

Bem, antes que esse capítulo se transforme em outra coisa, melhor mudarmos o tópico. Lembrando que caso seu servidor seja um Deus, o chicoteado será você.

O melhor é sempre tratar seu servidor com amor!  
Nada de violência!



## Wanju Duli

Eu sabia que era uma bengala.

## Capítulo 4: Gnose e Tecnomagia

Segundo Alan Chapman, não é preciso alterar o estado de consciência para fazer magia. E daí?

Os caoístas não precisam de círculos mágicos, de utensílios de poder e nem precisam entrar em transe. Eles precisam de alguma coisa?

Sim, eles usam uma ferramenta: a crença. Isso não significa que um utensílio mágico é usado meramente para autossugestão. Ele pode ter poder em si mesmo após carregado e faz diferença usá-lo ou não.

A questão é que você pode compensar essa diferença com outra coisa. Você estará inevitavelmente perdendo algo quando deixa de lado boa parte do aspecto ritualístico da magia. Mas você estará ganhando outra coisa por não depender dele.

Não alterar seu estado de consciência significa simplesmente fazer uma operação mágica em seu estado de consciência atual. Eu sei que muitos desprezam o que é normal porque parece sem graça. Mas por incrível que pareça, o estado de consciência em que geralmente nos encontramos também tem suas utilidades. Nós geralmente não reparamos o quanto ele é mágico porque estamos acostumados demais com ele para perceber.

Nós raramente notamos o que está debaixo de nosso nariz. A maior parte dos sigilos, por exemplo, costuma ser lançado sem preparação prévia. Às vezes você está com pressa, só rabisca qualquer coisa e o

carrega de um jeito pior ainda, num tipo de pseudo carregamento.

Ainda assim, ele pode funcionar. Eu posso até mesmo mentalizar um sigilo sem escrevê-lo. Daqui a pouco chegamos no ponto em que não movemos um músculo e tudo magicamente se resolve.

O intuito não é exatamente esse e sim saber que existem muitas possibilidades. Você não precisa optar pelo mais fácil apenas por ser mais fácil. Muita gente gosta de jogos que são desafiadores, ou não teria graça nenhuma.

Nós temos naturalmente curiosidade pelos estados alterados de consciência, pois somos exploradores do astral. Sendo assim, sinta-se à vontade para carregar seus sigilos pelos mais variados métodos e ver com qual você se identifica mais.

E que tal usar a tecnologia para te auxiliar? Da mesma forma que você carrega seu celular ligando-o na tomada, por que não ligar o seu servidor na tomada?

No momento de criação, estabeleça que ele se alimenta de energia elétrica. Decida se ele vai ser 120, 220 ou bivolt.

Já ouvimos falar de pessoas que usam celulares ou tamagotchis como receptáculo de servidores. Mas além de usar a tecnologia no seu servidor, também pode usá-la em você mesmo.

Por exemplo: energize um controle remoto para que ele altere seu estado de consciência. Quando você aperta no ON você alterou seu estado de consciência. Basta apertar no OFF no final da sua operação mágica.



Netflix terminou e você não tem mais nada para fazer da vida agora.

Eu havia mencionado antes que a emoção e o medo são estados mentais importantes para ajudar na alteração de consciência. Pode ser qualquer emoção forte: fúria, lágrimas, não importa.

Na gnose inibitória geralmente buscamos um estado mais relaxado e calmo. Na meditação, quando baixamos muito a respiração e os batimentos isso também pode ser um gatilho, assim como o silêncio.

Já na gnose excitatória você pode enlouquecer bastante. Ou, se quiser um estado alternativo, pode tentar a vacuidade indiferente. Alguns dizem que esse estado significa você estar meio aéreo ou distraído. Mas também pode significar simplesmente não fazer nada.

Lance seu sigilo, simplesmente não o carregue. Ou eu deveria dizer: finja que o carrega. E finja até que atinja.

No caoísmo você pode fingir tudo. Finja que lançou um sigilo, que fez um servidor e que alterou seu estado de consciência. Mas na verdade você não fez nada disso.

E fazer nada serve para alguma coisa? Depende se você adotou o paradigma de que as coisas devem servir para algo, nem que seja para diversão.

Por que você faz magias? Para ganhar dinheiro? Para obter autoconhecimento? Sim, todas essas coisas são possíveis de se fazer com magia. Mas também é possível não fazer nada.

Você pode:

- 1- Fazer nada sem usar magia (deitar numa rede)
- 2- Fazer nada usando magia (diversão)

## Um Jantar Para Cthulhu

3- Fazer algo sem usar magia (escrever um texto)

4- Fazer algo usando magia (um ritual para se obter dinheiro, amor, etc)

Dentre outras possibilidades.

A maior parte de nós está acostumado a usar a magia para um objetivo bem específico. Outros podem usar magia para realizar testes ou para sentir sensações boas.

Só que há outras possibilidades. Alguém que não usa magia pode ser um artista, por exemplo. Há discussão se ele está no fundo usando magia inconscientemente para isso, mas irei optar por deixar essa discussão de lado.

Um magista está treinado para usar magia em diferentes situações. Sendo assim, eu acredito que existe uma carga residual mágica em tudo que ele faz. Mesmo que você esteja fazendo um desenho aleatório, ouvindo música ou apenas descansando, eu creio que há algo acontecendo lá.

E como treinar nosso inconsciente para tornar mágicas situações em que não realizamos magia conscientemente?

Há várias técnicas possíveis. Você pode alimentar um servidor para que ele faça esse processo por você. Pode usar também um programa de computador para carregar um sigilo com essa função.

Agora vamos voltar a falar de culinária.

## Capítulo 5: Seja o jantar de Cthulhu: como cozinhar a si mesmo

Está preparado para tornar-se comida dos Grandes Antigos?

Veja pelo lado bom: todos nós seremos comida dos vermes ou das chamas. Por que você quer priorizar os vermes? Não é muito mais honroso oferecer nosso corpo e alma para seres tão poderosos e bizarros?

Faremos isso simplesmente porque é legal. E ponto.

É claro que eu posso te dizer incontáveis motivos filosóficos de porque você adoraria ser comida de Cthulhu. Eu poderia escrever uma redação sobre isso e no final todos teriam esse mesmo objetivo na vida.

Mas na magia do caos há várias possibilidades. Não queremos fazer as mesmas coisas o tempo todo ou ter as mesmas metas. A operação com os Grandes Antigos é ao mesmo tempo a mais complexa e sublime e também a mais idiota, e isso nos faz gostar mais ainda dela.

Muito bem! Como você prepara a si mesmo para o jantar? Primeiro pegue um martelo de carne.

Sim, eu falo sério. Em vez de usar espada ou varinha eu proponho que nessa operação você use um martelo de carne. Pode carregá-lo magicamente

## Um Jantar Para Cthulhu

como lhe aprouver: pelo poder de terra, ar, fogo, água, estrelas, planetas, galáxias, etc.

A partir daqui, há muitas possibilidades. Você pode pegar uma carne para dar marteladas nela, clamando alegremente que aquela é a sua carne. Mas você também pode dar marteladas num pão ou em qualquer outra coisa: numa abóbora, num melão, etc.

Apenas não use um polvo para não ofender seu Deus!

Também existe a opção de encostar o martelo simbolicamente em si mesmo. Nada de se martelar! Você está proibido de fazer isso!! Cthulhu não gosta, pois o quer todo para si.

Depois que você já estiver bem amaciado, clame:

– Eu sou comida dos Grandes Antigos. Declaro ao universo que tornei-me O Jantar de Cthulhu! Será que ele me quer ou não me quer?

Pegue uma flor e faça: “bem me quer, mal me quer, etc” e descubra.

Caso a flor te dê más notícias, tente a operação outro dia. Se a resposta for positiva, pegue o sal, salgue a si mesmo e prepare-se!

Diga dessa vez:

– Ó, sagrado polvo-dragão-besta-fera-rei! Aqui estou e logo não mais estarei porque morrerei, então tchau-tchau! Boa refeição, meu senhor! Aqui está seu guardanapo.

Ajoelhe-se e ofereça o guardanapo a Cthulhu.

Você escolhe se oferece apenas uma parte do corpo, todo o corpo ou também sua alma. Provavelmente os Grandes Antigos só vão mascar um pouco e cuspir de volta, porque eles desprezam a humanidade, então não há perigo.

## Wanju Duli

Mas ao menos você mostrou que é uma dama ou um cavalheiro e se esforçou.

Quem sabe o Grande Antigo fique satisfeito por sua demonstração de boa vontade e te conte algum grande segredo de seu planeta. Pode até ser presenteado com um símbolo de poder. Anote tudo!

E agora, para ilustrar tudo isso e mais um pouco, na próxima parte do livro teremos um conto sobre um magista cujo sonho é ser alimento dos Grandes Antigos.

# **PARTE 2**



## Capítulo 1: Meu nome é Jsé sem “o”

Olá! Eu me chamo Jsé. Acho meu nome bem único e original porque ele não tem “o”. Meu pai, quando foi me registrar, disse o nome errado. Mas tudo bem! Prefiro ser um Jsé único do que qualquer José por aí.

Sou Jsé Silva Silva. Sempre sonhei em ser “Jsé Silva da Silva”, mas meu nome não tem “da”. Sofro mais com isso do que com a falta do “o”. Por isso, sempre que conheço alguém com o sobrenome “da Silva” morro de inveja.

Tenho quarenta e nove anos. Amanhã vou completar cinquenta e para celebrar a ocasião quero realizar um ritual para ofertar meu corpo para Cthulhu.

Você pode achar isso meio estranho, mas aqui na minha vizinhança é normal. Todo mundo faz isso.

Não sei bem porquê. Fui educado nessa religião desde a infância e aprendi que eu era nada mais do que comida dos Grandes Antigos. Isso me fez sentir livre. Vivo sem medo, porque sei que terei um destino bastante nobre.

Eu decidi que quero morrer porque não aguento mais meus filhos adolescentes. Essa música da nova geração é horrível. Eles só sabem escutar música alta e só falam comigo para me pedir dinheiro. Por um lado é bom, porque como eu não tenho dinheiro mesmo, chegou uma hora em que eles pararam de

me pedir. Desde então, não falo com eles há mais de um ano, apesar de morarmos na mesma casa.

Ensinei aos meus filhos a religião dos Grandes Antigos, da mesma forma que meus pais me ensinaram. Só que como eles são adolescentes eles querem se revoltar contra tudo e decidiram que não querem ser comida de Cthulhu. Eles adoram um tal de Deus Javé ou Jesus.

Deixando tudo isso de lado, fui até o Templo dos Grandes Antigos e declarei minha intenção para o Alto Sacerdote, que usava uma roupa verde monstruosa com oito tentáculos.

– Meu caro Jsé, você fez a escolha certa – disse o Alto Sacerdote – sabe, todo dia nós comemos criaturas para nos mantermos vivos, mas o momento glorioso da nossa vida é quando chegará nossa vez de sermos devorados.

– Realmente – concordei.

– E já escolheu por quem quer ser comido?

– Naturalmente, é o Grande Antigo que me escolhe!

– Sábias palavras.

O Alto Sacerdote deu um rodopio.

– Mas tem alguma preferência?

– Bem, eu vou tentar chamar o Grande Cthulhu, o Senhor dos Sonhos!

O Alto Sacerdote deu uma gargalhada e cantou assim:

Sonho acordado e dormindo  
Cthulhu, alado e vindo  
Me devorar é meu desejo  
Eu vejo a morte chegando

## Um Jantar Para Cthulhu

Que sorte que estou amando

– É mesmo uma sorte – observei – e uma grande paixão. O sonho do amor não correspondido!

– Cala a boca – disse o Alto Sacerdote – eu até te daria uma bênção, mas você sabe que círculos e triângulos de proteção ou banimentos não funcionam com os Grandes Antigos, não é?

– Estranhamente, me sinto mais protegido com Cthulhu do que quando estou nesse mundo.

– Seu tagarela! Quero ver se continua assim falando diante da besta.

– Obrigado.

Voltei para casa cheio de expectativa e aguardei cair a madrugada. Saí de mansinho da cama para não acordar minha mulher e fui para a garagem. Lá, acendi uma fogueira e dancei.

Loucura! Eu queria que toda a loucura do mundo tomasse conta de mim.

Eu disse assim:

– Cthulhu, Cthulhu, seu louco misterioso! Quem é mais louco: eu ou eu?

Preparei-me para o primeiro estágio: “Tema a Besta”.

Eu não estava com muito medo, então peguei um saco de gelo e coloquei em cima de mim. Pelo menos assim eu poderia começar a tremer.

– Brrrr Cthulhu, você é um Deus assustador!

Mas ele não se aproximou. Só quando comecei a sentir medo de verdade.

Foi assim que entrei no segundo estágio: “Sinta a Besta”.

## Wanju Duli

O medo e o terror se apoderaram de mim. Só aguentei aquilo tudo porque a loucura me protegia.

Escutei um uivo, como de um animal. Resolvi uivar junto.

Senti um tentáculo me abraçando. Ele se enrolou no meu pescoço.

Era a hora do terceiro estágio: “Alimente a Besta”.

Minha voz estava trêmula.

– Ó, grande Cthulhu! Eu sou tão pequeno e você é tão vasto!

– Fique quieto, idiota! Seja uma presa silenciosa!

A loucura não superou o terror. Por isso, eu me ajoelhei e clamei por piedade, ofertando a ele um bolinho de peixe.

Cthulhu aceitou e comeu.

– Dessa vez passa, seu verme. Da próxima, você é jantar.

Ele se foi e eu respirei aliviado.

Voltei para minha cama. Mas minha esposa não estava lá.

## Capítulo 2: Meu nome é Mria sem “a”

Mria Silva Silva, muito prazer.

Tenho cinquenta e um anos e minha religião é bastante respeitada. Infelizmente nossos filhos se tornaram hereges e traíram o movimento.

Pouco me importa. Só tive filhos para cumprir um mero dever social. Faz seis meses que não falo com eles, esses mal agradecidos de uma figa.

Amanhã estou de folga do trabalho. Então decidi que nessa madrugada irei invocar um Grande Antigo e oferecer minha alma para ele.

Fui conversar com a Alta Sacerdotisa do templo da esquina.

– Seja bem-vinda! – ela gritou, com alegria – em que posso servi-la?

– Calma, venerável, eu já estou meio cega, mas não estou surda – eu disse.

– Mas eu estou e gosto de ouvir minha própria voz! – berrou a Alta Sacerdotisa em resposta.

– Ah, então deixa pra lá, vou embora.

E eu saí de lá. Passei numa biblioteca, peguei um grimório chamado “Pseudonomicon” e fiquei satisfeita. Ali tinha todas as instruções de que eu precisava.

Quando passei na frente do quarto da minha filha, ela estava ouvindo uma música num volume mais alto do que os berros da Alta Sacerdotisa. Dei grandes chutes na porta e a minha filha chutou de volta em resposta. Era assim que conversávamos.

## Wanju Duli

Dormi um pouco e coloquei o despertador para tocar na alta madrugada. Quando levantei-me, meu marido não estava lá.

Fui até o jardim e elevei o martelo de carne para o céu.

– Yog-Sothoth, guardião do portão e do tempo! Abre as portas para mim! Apenas uma olhada!

– Você quer que eu abra as portas do portão ou do tempo?

Eu não soube responder.

– Tanto faz.

– “Tanto faz” não – disse Yog – não é assim que eu trabalho. Olha a linguagem!

– Depende – eu disse – o que tem por trás do portão?

– Como se eu fosse te dizer!

– Então tá. Me abre esse portão!

– Antes você precisa resolver uma charada.

Suspirei.

– Manda lá!

– Cego, louco e idiota – disse Yog.

– Essa sou eu! – clamei, com alegria.

– Errado. Os portões estão fechados. E o tempo também.

– Vai ao menos me devorar? – supliquei.

– Não. Cthulhu me deu uns bolinhos de peixe ótimos que seu marido deu a ele – explicou Yog – por isso estou sem fome. Passar bem!

E Yog foi embora.

Fiquei irada. Já teria um bom uso para o martelo de carne.

## Capítulo 3: Meu nome é Jão, sem “o”

Sou Jão, tenho dezenove anos e sou o rei dos RPGs online e similares.

Larguei o colégio e sei que vou fazer dinheiro com meus jogos assim que eu chegar no nível trezentos. Mas nada disso importa, porque o objetivo principal da minha vida é ser comida dos Grandes Antigos.

Eu disse para meus pais que estou seguindo o cristianismo, mas só falei isso para irritá-los. Eu acredito nos Deuses polvos alienígenas, de todo meu coração.

Decidi que hoje irei invocar Shub-Niggurath, o bode negro, terror das florestas, enquanto jogo. Até parece que eu vou parar de jogar para fazer alguma coisa. Só tomo banho uma vez por ano.

– Salve Shub, príncipe dos locais ermos e selvagens! Venha a mim!

Pronunciei isso umas trezentas mil vezes e nada. Foi só quando morri no jogo e fiquei puto que o camarada Shub mostrou as faces.

– E aí, Jão! Que é que tá pegando?

– Ah, é esse panaca que tá no meu time que não sabe jogar.

– Eu ouvi que seu pai cozinhou uns bolinhos de peixe muito bons. Você traz alguns pra mim?

– Eu não como há três dias e você ainda quer bolinho, cara?

## Wanju Duli

– Todos não param de falar disso no meu mundo. Eu prometo que se você me conseguir um, te conto um segredo.

Será que valia a pena parar de jogar por alguns segundos para conhecer um dos grandes mistérios dos Grandes Antigos?

– Não quero saber – eu disse – se você só veio aqui pelo bolinho, pode cair fora.

E ele se mandou, mas só porque quis. Eu sabia que, se ele quisesse, poderia me devorar a qualquer minuto. Eu aguardava ansiosamente por esse dia.

## Capítulo 4: Eu não tenho nome

Meu irmão reclama que foi registrado com nome errado, mas eu nem mesmo fui registrada.

Quero fazer a magia dos Grandes Antigos para receber um nome. Estou com dezessete anos, prestes a completar dezoito. Não quero entrar na maioria sem nome.

Passo o dia todo ouvindo músicas ruins para afogar o desgosto de não ter nome. Eu só ouço músicas que não gosto, porque sinto certo prazer em explorar esse paradigma e torturar minha mente através disso.

E foi com a música que resolvi invocar Azathoth. Nem saí do meu quarto. Apenas deitei na cama e o chamei:

– Aza, Aza! Onde você está?

– Aqui, aqui!

– Que bom que você veio! Você é meu amigo imaginário?

– Não sei, eu sou um idiota. Não sei se sou imaginário.

– Pelo menos você tem um nome. Pior eu que não tenho nenhum.

– Não tenho um nome sobrando para te dar, mas posso te emprestar o meu – sugeri Azathoth.

– Bem, pelo menos me chamar “Aza” é melhor do que não ter nome – decidi.

## Wanju Duli

– Não se preocupe – disse Azathoth – se você mastigar o “z” e cuspir, pode ser que ele vire outra letra.

Eu fiz isso. Coloquei na boca o “z” que ele me deu e o mastiguei. Quando o cuspi, ele estava ao contrário.

– Aí está seu nome: “Ana”.

– Obrigada.

– E o que você me empresta em troca do nome que te emprestei?

– Meu corpo é fraco e não sei bem se tenho uma alma – eu disse – então vou te emprestar meu coração.

– Estou quase cego e não posso ver seu coração. Ele existe mesmo?

– Você pode sentir, não é? O amor não pode ser visto, mas eu acredito que ele exista.

– Eu também – decidiu Azathoth – deve ser porque sou louco e idiota.

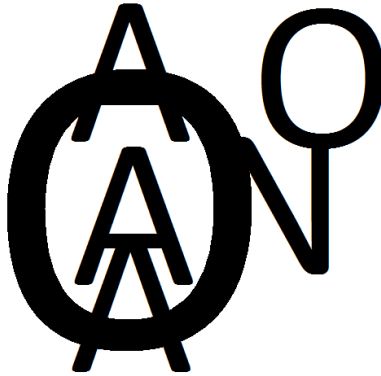
Nós trocamos um beijo e Azathoth devorou meu coração. Tudo bem, porque eu não precisava mais dele. Agora que eu tinha um nome, era a senhora do universo.

\*\*\*

Eis o sigilo Silva Silva, composto com as letras perdidas:

OA O ANA

## Um Jantar Para Cthulhu



Nenhuma letra foi retirada para não ser perdida.  
Esse também é conhecido como Sigilo Aza.  
MS Paint Adventures.

Wanju Duli

## Epílogo

Um chapéu.



Hoje encontrei um chapéu perdido. E ouvi o arroteo de Cthulhu.

Mongo  
RIP  
9/5/17



